



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

«OS POVOS PRIMITIVOS DA LUSITÂNIA»

(NOTAS DA CONFERÊNCIA DO EX.^{mo} DR. MENDES CORREIA)

Em 9 de Março, dia aniversário da sua fundação e do nascimento do vimaranense ilustre a cuja honra se consagrou e do qual lhe cumpre velar a memória fulgente e saudosa, a *Sociedade Martins Sarmiento* teve, êste ano, na sua festa, a colaboração distinta e brilhantíssima do douto Professor Dr. Mendes Correia, apresentado pelo grande sábio, e nosso tam querido e carinhoso amigo, Ex.^{mo} Dr. Gomes Teixeira.

Foram umas horas breves, singularmente passadas no maior encanto de espirito, essas em que ouvimos, na espontânea e vibrante eloquência do verbo, a lição profunda do saber e da cultura. Guardamos muito viva na alma uma recordação gratíssima pelo encanto, simples e tocante, da convivência com os dois ilustres Professores, pelos ensinamentos que dêles colhemos e pela afabilidade com que nos trataram. E o nosso maior desejo é de que voltem a visitar-nos muito breve.

Alocução do Ex.^{mo} Dr. Gomes Teixeira.

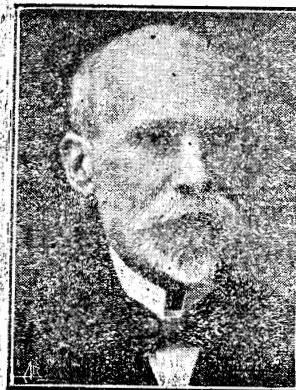
A ilustre Direcção da Sociedade Martins Sarmiento dignou-se convidar-me a assinalar a esta distinta Assembleia a presença nesta casa do sábio professor da Universidade do Porto, Sr. Dr. Mendes Correia, que vai fazer ouvir pela primeira vez nesta cidade a sua palavra eloquente e erudita.

Encarreguei-me com muito prazer desta honrosa missão, que me dá ensejo para manifestar a minha elevada consideração e profunda estima pelo conferente e pela Sociedade que me convidou a representá-la neste acto.

Devo começar por dizer que as palavras que vou pronunciar não significam uma apresentação do Sr. Mendes Correia à Assem-

bleia, porque eu não posso admitir que o seu nome não seja bem conhecido nesta cidade.

Não é certamente necessário apresentar nesta casa, cujo patrono foi eminente no estudo do que é antigo, encarado sob variadas formas, como na Preistória, como na Arqueologia, como na Antropologia, nesta cidade onde estes estudos têm tradições honrosas — um homem que em Portugal ocupa hoje o primeiro lugar entre os sábios que consagram o seu tempo ao estudo profundo da última sciência mencionada.



Posso eu admitir que não seja conhecido nesta cidade o eminente professor de Antropologia da Universidade do Porto?

Posso eu acreditar que não seja conhecido por esta Assembleia ilustrada o fundador da Sociedade Portuguesa de estudos antropológicos?

Posso eu admitir que não seja conhecido nesta Sociedade o autor de numerosos trabalhos científicos consagrados a assuntos que nela estão em favor?

O que devo dizer é que todos os que gozamos a satisfação de ser seus colegas na Universidade do Porto, temos a maior consideração pelo seu talento, pelo seu saber e pelas suas excelentes qualidades morais. O que aqui devo dizer, na qualidade de Director dos «Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto», é que tive sempre como preciosa a sua colaboração nesta revista.

São muitos os trabalhos científicos que têm publicado e que estão espalhados, a levantar-lhe o nome, por numerosas revistas de todos os países. E' um jovem e a sua obra científica parece dum velho, tam sábia, tam extensa e tam profunda é ela. Vamos mostrá-lo.

Publicou obras importantes, como o «Génio e o talento na Patologia», «Os criminosos portugueses», «Crianças delinquentes», «Lições de Antropologia», «Raça e Nacionalidade», e o «Homo: estudos modernos sobre a origem do homem».

Além destes livros publicou dezenas de memórias, artigos e notas em revistas científicas portuguesas, espanholas, francesas, italianas, suíças, e americanas, sobre questões de Antropologia geral, de Antropologia criminal, de Geografia humana, de Antropologia de Portugal e colónias, de Arqueologia preistórica, etc.

As suas conclusões sobre o homem preistórico de Muge foram adoptadas por Ruggeri, falecido professor da Universidade de Nápoles e sábio ilustre, e por Bosch Gimpera, professor da Universidade de Barcelona e arqueólogo eminente — além de outros.

O primeiro destes sábios referiu-se aos estudos de Mendes

Correia em vários trabalhos seus, dizendo num dêles a respeito dum dos estudos do sábio professor português: «A memória publicada pelo jovem e muito activo antropologista português tem uma importância muito maior do que parece depreender-se do seu título. O autor fez uma revisão sucinta, mas definitiva, do material esquelético pré-histórico do seu país, de tal modo que d'ora-avante não mais será necessário recorrer à opinião dos autores franceses que tinham legislado naquela secção antropológica, mas sim ao juízo mais sólido que aparece no próprio Portugal.»

Num artigo que publicou na revista de Antropologia de Roma, o mesmo sábio afirma que Mendes Correia disse sobre o homem de Muge a última palavra.

Quanto a Gimpera, depois de expor os pontos de vista e resultados de Mendes Correia num trabalho que publicou no Boletim da Biblioteca Menendez Pelayo, diz que Mendes Correia foi quem pela primeira vez valorizou justamente a importância dos restos de Muge.

O consagrado professor de Paleontologia de Paris, Boule, autor do grande tratado «Les Hommes fossiles», citou os resultados obtidos por Mendes Correia e escreveu a respeito de um dos trabalhos do antropologista português as palavras seguintes: «Esta memória, clara e bem ordenada, dá grande honra à Antropologia portuguesa.»

Os estudos de criminologia de Mendes Correia tiveram também análises elogiosas de Ferri, Niceforo, Saldaña, Carrara, Rickere, Zeltner, etc. Saldaña, professor da Universidade Central de Madrid e criminalista eminente, escreveu que Mendes Correia é a figura mais saliente da Antropologia em Portugal, opondo os seus pontos de vista sobre o criminoso à tese da escola lombrosiana.

O seu livro «Raça e Nacionalidade» teve, entre outros, o elogio de Verneau, professor do Museu de História Natural de Paris e antropólogo ilustre, que acentuou os reais serviços que aquela obra está destinada a prestar aos antropologistas, e, a respeito do estudo de Mendes Correia sobre a análise etnológica, o mesmo sábio concorda plenamente com as opiniões expendidas pelo professor português.

O «Homo» foi o livro de Mendes Correia que mais elogios teve na imprensa científica estrangeira. Fizeram-lhe as melhores referências Verneau, Joleaud, Hedlicka, Anton, Biasutti, Ten Kate e outros sábios eminentes de diversos países. Ten Kate, na revista da Sociedade de Geografia de Leide, exprimiu o desejo de que aquele excelente livro fôsse traduzido em francês ou inglês.

Depois de tantos e tam notáveis trabalhos, é natural que muitas sociedades científicas lhe abrissem as portas. De facto, Mendes Correia é sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, das Sociedades de Antropologia de Madrid, Roma e Florença, da Associação para o ensino das Ciências Antropológicas, de Paris, membro da Direcção do Instituto Internacional de Antropologia, de Paris, etc.

Eis, meus senhores, o que a Ciência estrangeira diz do Português ilustre que hoje aqui vai falar.

Agora, antes de terminar, cumpro o agradável dever de sau-

dar calorosamente esta Associação pelo seu aniversário, fazendo votos para que continue a honrar como até hoje esta cidade e o país, e ainda o de consignar aqui uma recordação ao sábio eminente, glória de Guimarães e de Portugal, a cuja memória esta Sociedade consagra o dia de hoje.

Notas da conferência.

Depois de agradecer ao Sr. Dr. Gomes Teixeira as suas palavras de apresentação, agradece à Sociedade Martins Sarmento o seu convite e saúda-a como herdeira da mais alta e generosa intenção de civismo e de nacionalismo étnico que tem havido em Portugal. Sente-se bem na cidade de Guimarães, de tradições nobres e vetustas, baluarte do «claro Príncipe» que foi D. Afonso Henriques, e duma nacionalidade, que, embora desde muito em germen na consciência da grei, aqui teve o seu radioso amanhecer. Sente-se bem sobre um solo semeado de monumentos evocadores dum passado confortante, entre montes coroados de muralhas castrenses que resistiram outrora galhardamente aos embates formidáveis das legiões romanas. Sente-se bem naquela sala, duma colectividade que encarna e prolonga o esforço admirável de Martins Sarmento.

Presta homenagem à memória do glorioso vimaranense, nesta festa em que se solenizam simultaneamente o 42.º aniversário da Sociedade e o 91.º do nascimento do apóstolo, Mecenas e sábio que foi o seu benemérito patrono. Ainda recentemente, o eminente exumador das ruínas da heroica Numância, o alemão Schulten, num estudo sobre o poema *Ora Maritima*, se refere a um análogo estudo de Martins Sarmento, dizendo este «um investigador sumamente meritório das antiguidades lusitanas». No relatório da visita à Citânia de Briteiros em 1880, o sábio Virchow compara o ilustre português ao grande Schliemann, ao explorador glorioso da Acrópole de Micenas, ao homem de fulgurantes méritos que na colina de Hissarlik descobriu os restos sobrepostos de nove povoações, uma das quais era a Tróia de Homero.

Estas consagrações, vindas de além fronteiras, dispensam outras menos autorizadas, e o conferente entende que uma homenagem condigna, não na forma e no merecimento, mas pelo assunto, será a exposição sumária que vai fazer, sobre o estado actual das investigações relativas à etnologia primitiva do relatório português.

Afasta-se em alguns pontos de Martins Sarmento. Não adopta a sua tese da filiação ligúrica dos Lusitanos nem a da influência micénica sobre certas manifestações da cultura peninsular. Isso não representa menos aprêço pela sua obra. O que nesta é documentação objectiva e erudição, é sólido, inatacável. Mas é preciso saber distinguir os materiais seguros, das hipóteses e das interpretações. É necessário não esquecer que Martins Sarmento faleceu há um quarto de século, e nêsse lapso de tempo estes ramos de ciência evoluíram, transformaram-se muito.

A questão do homem terciário em Portugal está, como há cinquenta anos, «no limiar da Ciência». Pelo contrário, muitas

aquisições se têm feito relativamente ao homem quaternário, cuja existência no território está plenamente provada por numerosas descobertas de objectos da idade da pedra lascada ou paleolítica. A maioria desses objectos provém de estações de superfície, sendo apenas de profundidade as estações da Mealhada, Furninha (Peniche) e Arronches.



Desconhece-se o tipo físico do homem paleolítico em Portugal, mas é possível que no paleolítico inferior se tivesse estendido aqui a distribuição da forma arcaica e bestial, chamada de Neanderthal, de que se encontraram já restos em Espanha. Sobre a cultura de tipos do paleolítico superior no nosso país, reina ainda grande obscuridade.

Dada a importância dos vestígios da arte naturalista do paleolítico superior em Espanha e a possibilidade de serem descobertos também entre nós alguns desses curiosos documentos, o conferente mostra reproduções de algumas dessas manifestações artísticas, estabelecendo as diferenças entre a arte da província mediterrânea, menos brilhante do que a outra.

No epipaleolítico, já em plena actividade geológica, vivem no Vale do Tejo populações miseráveis e inferiores, de provável origem africana, nas quais têm sido filiados os portugueses actuais, embora, na opinião do conferente, não haja identidade entre o tipo médio português actual e o tipo predominante nessas estações, o qual elle designou por *Homo afertaganus*, pondo em evidência as suas afinidades negróides e australóides. Depois de descrever os «restos de cozinha» de Muge e aludir aos microssilex de formas geométricas, que ligam aquela cultura com estações do norte de Africa e da bacia do Mediterrâneo, acentua que no neolítico (idade da pedra polida) e no eneolítico (princípio da idade dos metais), se começam a encontrar no território tipos antropológicos possuidores de afinidades com o tipo médio português actual.

Refere-se à cultura megalítica, que do neolítico final se estende até ao princípio da idade do bronze, e que segundo algumas opiniões recentes teria uma origem ocidental, portuguesa, e não a origem oriental que lhe tem sido atribuída. Mostra no écran algumas fotografias de plantas de vários tipos de *dolmens*, indicando a sua evolução, e alude aos raciocínios cronológicos do alemão Schmidt, as quais conduzem a atribuir à civilização ocidental do vaso campaniforme e portanto ao eneolítico uma data anterior a 2500 a. C.

Se no neo-eneolítico a cultura megalítica portuguesa se espraçou para leste, o nosso território sofreu também a seu turno as influências da cultura central da Espanha (a cultura das cavernas e do vaso campaniforme), e da cultura dos povoados de sudeste (Alméria).

A sistematização das investigações sobre a idade do bronze em Portugal é ainda incompleta, dado o pequeno número e insuficiência dessas investigações. Na idade do bronze inicial, continuam no sul do país a sentir-se as influências culturais do sudeste espanhol (cultura argárica), mas prolongam-se ainda algum tempo por uma evolução para as *cistas*, as formas megalíticas.

Algumas sepulturas (Quinta da Agua Branca, Defesa, Sant'Iago de Cacém, etc.), alguns esconderijos de fundidores mercantes e sobretudo muitos achados avulsos (em especial de vários tipos de machados) permitiram ao conferente marcar duas áreas geográficas do bronze no Território: uma septentrional e outra meridional. Mas há grandes lacunas na sistematização desses restos e no conhecimento das suas relações com outros centros culturais. No entanto é lícito admitir o carácter indígena do fabrico dos objectos de bronze, em vista das riquezas mineiras do país e das formas desses restos.

Remontam ao século XI a. C. as datas a que se referem os mais antigos textos históricos, que se ocupam da Península. E' o Velho Testamento que fala das navegações tirias para Tartes-

sos, a região do Guadalquivir. Uma inscrição assíria a que se refere Schulten, e cuja data seria muito anterior, não parece tratar do ocidente, ao contrário do que supõe o autor alemão.

Do século X para o IX deveria começar, embora muito vagarosamente, a introdução do uso do ferro nestas regiões. Da mais antiga idade do ferro, chamada *halstattiana*, do nome duma estação da Europa Central, não há restos averiguados no Território português. Na Península, apenas se têm encontrado restos halstáticos na Galiza, no centro, em Almería e na Catalunha.

Mas, do século VI para o V, os Celtas estendem o seu domínio e a sua influência cultural a uma vasta área da Península, devendo atribuir-se-lhe em grande parte a cultura chamada *post-halstattiana*, por manter na 2.ª idade de ferro (idade de La Terre) os tipos da 1.ª. No Sul e na costa mediterrânea os textos colocam então os Iberos e os Tartéssios, desenvolvendo-se aí a cerâmica pintada, chamada *ibérica*, que só do século III em diante passa às regiões central, ocidental e septentrional, onde floresce, ao passo que decai ao sul e leste. Os textos começam no século III a designar a Península toda por Ibéria, nome até aí reservado à região meridional e mediterrânea.

De tais factos Schulten e Bosch Gimpera pretendem concluir que no séc. III a. C. os Iberos propriamente ditos, comprimidos pela invasão dos Galls na Provença e pela ocupação cartaginesa no S. e L. da Península, invadiram o centro, ocidente e norte da Península, que estariam ocupados por Celtas. Os Celtiberos seriam Iberos em terra de Celtas e não Celtas em terra de Iberos. Os Lusitanos seriam a guarda avançada dos Iberos no movimento para Oeste.

O conferente, porém, mostrando que a arqueologia não delimita tam claramente uma cultura céltica e uma cultura ibérica e que os textos não são tam concludentes, como pretende Schulten, no que se refere a movimentos dos Iberos e à natureza étnica dos Celtiberos e dos Lusitanos, afirma que a cultura da segunda idade do ferro no território português não revela um movimento de Castela para oeste no séc. III, mas apenas antigas influências de S. para N., por via marítima ou terrestre, e provenientes da região bética e mediterrânea, sobretudo dos Tartéssios, e directa ou indirectamente dos Gregos e Cartagineses. No sul do país essas influências são patentes, como em Fonte Velha de Bensafrim e em Alcácer do Sal, que é a única estação tendo algumas afinidades acentuadas com as necrópoles post-halstáticas de Castela. Os castros do N. do país revelam um fundo cultural indígena, humilde e atrasado, e foram apenas mais ou menos *celtizados*, como mais tarde foram *romanizados*.

A extensão da cerâmica ibérica no séc. III, explica-a o conferente pelo estreitamento de relações entre as tribos do território peninsular, até então muito isoladas. Foram primeiro os cartagineses e mais tarde os romanos que comercial e depois politicamente relacionaram dêsse modo as tribus indígenas. A extensão do nome de Ibéria a toda a Península pode não significar um espriamento dos Iberos, mas uma generalização arbitrária dum nome geográfico até aí restringido à área melhor conhecida.

O conferente diz não ter tempo para se deter na análise da

filiação étnica dos povos que os romanos encontraram no território português e distinguiram dos Celtas. A seu ver, englobando tais povos sob o nome de Lusitanos, que era a designação da tribo que maior importância histórica e política alcançou na região, os Lusitanos eram *pre-celtas*, que receberam a influência cultural e talvez antropológica dos Celtas. E' crível o seu parentesco com os Iberos, como não são inadmissíveis as suas relações genealógicas com os Lígures. Mas não há base científica para serem considerados de preferência Iberos, Lígures ou Celtas.

Desta breve exposição, um facto quer fazer ressaltar: o de que, apesar de várias influências culturais e étnicas, persistiram essencialmente as populações que desde o neo- e eneolítico vinham habitando o território. A antropologia mostra as afinidades entre tipos físicos de então e os dominantes hoje. A arqueologia e a história mostram o génio da independência nas populações dos velhos castros. Entre alguns tipos de cerâmica castreja e a cerâmica encolítica há tantas analogias, que chegam a confundir-se. Nem a celtização nem depois a romanização alteraram profundamente o substracto cultural indígena-arcaico, ingénuo e humilde.

O conferente, pondo em evidência a desordem moral e social e as angústias da hora presente, diz que estas evocações são um conforto para a nossa tristeza e fortalecem a consciência da grei, demonstrando que a tam longínquas eras se podem ir buscar as raízes da nacionalidade.

A Pátria não é uma invenção de tiranos nem de burgueses ambiciosos. E' a herança espiritual dos mortos. A Pátria Portuguesa é Viriato, a legendária bravura lusitana, o esforço construtor de D. Dinis, de D. João II e de Pombal; é Nun'Alvares, o monge-soldado, são os Infantes de Avis, as naus de Quinhentos, Camões e Herculano, 1640 e D. Filipa de Vilhena, todos os heróis, sábios e santos que repousam sob as abobadas dos Panteões e das Catedrais, e todos os obreiros obscuros que jazem na campa rasa do anonimato, mas cujo fluido anímico palpita e vibra no povo português de hoje.

Termina dirigindo, como português, um apêlo às senhoras presentes, a quem beija as mãos pela benévola atenção que lhe concederam. A's esposas e noivas pede que, assim como as mulheres lusitanas incitavam outrora os homens ao combate, incutam no ánimo dos seus maridos a fé mais inabalável nos destinos da Nação. A's mães, às santas mães que o ouvem, pede que, com as orações de cada dia, repitam aos seus filhos — a essa Mocidade que é a esperança, a alma, o sangue e a luz de Portugal! — estas estrofes imorredouras que o épico nas páginas brônzeas dos *Lusiadas* pôs na bôca do Mestre de Avis na hora, entre tôdas tremenda e solene, de Aljubarrota:

Ó fortes companheiros, ó subidos
cavaleiros a quem nenhum se iguala!
Defendei vossas terras, que a esperança
da liberdade está na vossa lança!